**CONVERSAS COM GESTORAS ESCOLARES E SUAS REDES EDUCATIVAS**

Patrícia Gama Temporim Cansi - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal Fluminense - UFF

Nivea Andrade – Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação –

Universidade Federal Fluminense - UFF

Resumo

Compreendendo as conversas como uma metodologia de pesquisa, este texto busca refletir com os cotidianos de gestoras escolares de escolas públicas dos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Propõe-se pensar como as gestoras se formam para esta tarefa e como constituem e são constituídas por suas redes educativas. A pesquisa está inserida no contexto dos estudos dos cotidianos e da educação popular com aporte teórico de Michel de Certeau e Nilda Alves. Partindo das conversas, busca compreender e narrar as práticas cotidianas que se organizam como redes educativas das gestoras escolares.

Palavras-chave: conversas, estudos com os cotidianos, redes educativas, gestão escolar

Resumo Expandido

Os estudos com os cotidianos têm possibilitado ricas e profundas reflexões com as práticas cotidianas de crianças, juventudes, docentes entre outras. O convite aos estudos com os cotidianos, porém, nos desafiam a pensar com toda a comunidade escolar (e para além dela), buscando pensar as práticas cotidianas das cozinheiras, profissionais de limpeza e tantas outras. Neste desafio, este texto se propõe pensar com as gestoras/diretoras de escolas. Esta reflexão faz parte da pesquisa ‘Experiências Cotidianas de Educar pela liberdade: pensando com educadoras e educadores maneiras de significar e criar liberdade’, do grupo de estudos e pesquisas Juventudes, Infâncias e Cotidianos (JICs) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Inserida neste projeto, este texto está vinculado a tese de doutorado em andamento de Patrícia Gama Temporim Cansi, intitulada “Cotidianos de gestoras/diretoras de escola pública: as redes que nos formam”. A investigação se desdobra através das conversas com gestoras escolares, também conhecidas como diretoras de escolas. E aqui, já precisamos apontar duas decisões que precisamos tomar nesta pesquisa. A primeira é a opção pelo termo gestora para designar, a pessoa responsável que assume o cargo mais alto de direção da escola, assumindo a representação da escola, inclusive sob o seu Cadastro de Pessoa Física (CPF) frente à secretaria de educação bem como a toda sociedade. A depender da rede municipal ou estadual do país, este cargo assume vários nomes, sendo os mais comuns diretora e gestora. Entendemos aqui que ambos os termos trazem as marcas dos projetos políticos e econômicos para a educação. Se ‘direção’ é um termo que remete à dimensão criativa do diretor de cinema ou teatro, traz a marcar da centralização política. Por outro lado, gestão é um termo carregado de um projeto econômico de gestão de recursos e pessoas visando eficiência e produtividade, esvaziando-se assim as lutas políticas, os embates e as contradições. Se ambos os termos, trazem suas camadas de história, optamos aqui pelo termo usado na secretaria onde uma das autoras deste texto atua, pois, buscando responder a pergunta de Regina Leite Garcia (2011) ‘para quem escrevemos?’, pretendemos trazer as nossas provocações para aquelas que são nomeadas como gestoras. E esta decisão, nos leva a segunda decisão que é flexionar no feminino: gestoras. Esta decisão segue o proposto por Nilda Alves, que citando Certeau (1994) traz o feminino como “uma decisão política […] e deve ser entendido como uma tática de praticante, nesse mundo tão feminino, mas no qual se faz questão de consumir/impor uma regra/estratégia do espaço dominado (lugar) da língua” (Alves, 2003, p. 69). Com estas nossas opções, chegamos às conversas com as gestoras buscando refletir sobre as práticas cotidianas de quem, por diversas vezes é a primeira a chegar e a última a sair das escolas. Aquela que vivencia o ‘entrelugar’ (Bhabha, 2013) de quem é professora e representante da secretaria de educação, jogando com situações por vezes ambíguas, desenvolvendo táticas para viver estes cotidianos. São elas as principais articuladoras entre escola e as tomadas de decisão dos colegiados como o Grêmio Estudantil e Conselho Comunitário Escolar. Assinam frequências das servidoras, documentos, históricos escolares e atas de reuniões. São responsáveis pelo cumprimento do regimento interno, dos calendários, das normas administrativas e dos programas curriculares. Precisam acompanhar o trabalho da coordenação pedagógica e promover diálogo com responsáveis e/ou familiares dos estudantes. São responsáveis por manter o prédio da escola em boas condições, gerenciar a alimentação escolar e gerenciar os recursos financeiros e as prestações de contas. Neste sentido, a pesquisa tem conversado com sete gestoras escolares, dos estados do Estado do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Considerando a diversidade de problemas que as gestoras enfrentam diariamente, as soluções, muitas vezes, não dependem somente delas e sim de outras instantâneas, como por exemplo as secretarias de educação. Buscamos compreender quais redes educativas formam as gestoras escolares em suas funções cotidianamente, redes educativas entendidas como conhecimentos que se entrelaçam nas práticas cotidianas, nas redes sociais, nos gestos, nas músicas ouvidas, nos filmes vistos, nas falas das diversas vozes que nos cercam, nas frases lidas, nos cheiros, nos gostos, nos toques de quem nos cerca. E esses conhecimentos segundo Alves (2019), são “‘*espaçostempos*’ de reprodução, transmissão e criação de ‘*praticasteorias*’, […] em múltiplos e complexos ‘mundos culturais’ (Augé, 1997; Alves, 2014) que nessas redes são criados e recriados” (p. 115).

Como e com quem nossas interlocutoras aprendem a ser gestoras? Quais redes educativas são inspiradas e se consolidam nesta função da escola? Através das conversas, temos compreendido que as redes educativas são tecidas na relação com outras professoras, com estudantes, com familiares e amigos, enfrentando problemas, no qual, muitas vezes são resolvidos por táticas próprias. Certeau (1994) defende que “a ordem efetiva das coisas é justamente aquilo que as táticas “populares” desviam para fins próprios” (p. 93). Ao discutir redes educativas, Nilda Alves (2019) nos explica que “a ideia de que somos todos *‘docentesdiscentes’* e *discentesdocentes’*, [...] nos serve para mostrar a potência dos cotidianos escolares na formação de todos nós, em especial, nós professores e professoras” (p. 134). Mesmo as conversas ocorrendo com gestoras de estados diferentes, com demandas específicas de cada rede, o comum que as narrativas mostram é o fortalecimento com seus pares, aprendendo administrar e resolver situações inesperadas e que se movimentam para desdobramentos muitas vezes desestabilizantes e/ou impossíveis de prever. Consideramos assim, que “as redes de “*conhecimentossignificações”* tecidas nos/com os cotidianos são efêmeras e se constituem diante das demandas da vida para logo se desvanecer” e que “podemos ter acesso apenas a alguns fios dessas redes” (Ferraço; Soares; Alves, 2018, p. 101). Nas conversas realizadas, cada gestora apresenta suas redes de formação, onde aprende, se constitui e desenvolve seus trabalhos a partir dessas significações. As redes educativas narradas nas conversas se dão na coletividade, em que aprendem com gestoras mais experientes, redes que formam com professoras e usam de táticas (Certeau, 1994) no cotidiano da escola, redes com seus familiares, onde o apoio dessas pessoas próximas as ajudam a resolver situações no prédio da escola, redes com os estudantes que aprendem a organizar o ambiente escolar conforme as demandas necessárias, redes com a solitude, em que aprendem consigo mesmas a resolver situações, uma vez que, “é preciso assumir a impossibilidade de aprender tudo o que acontece” (Ferraço; Soares; Alves, 2018, p. 101). Para compreendermos estas redes, usamos as conversas com as gestoras. Nivea Andrade, Alessandra Caldas e Nilda Alves (2019, p. 20) dizem que “nas pesquisas com os cotidianos as ‘conversas’ são entendidas como o principal lócus de trabalho e produção de *‘conhecimentossignificações’*”. A conversa é um exercício de escuta, diferente da entrevista pois, não coloca a outra pessoa em um lugar de objeto de pesquisa. Os resultados da pesquisa que, parcialmente, estão sendo apontados nas conversas como algo comum entre as gestoras são as denúncias por falta de apoio das secretarias de educação. Porém, apontaram além da denúncia, as suas táticas de enfrentamento dos problemas, não permitindo que o descaso de alguma instituição seja motivo para que a questão fique em aberto, sem resposta. Assim, a compreensão das redes educativas que formam as gestoras se consolidam pela aprendizagem da composição no coletivo, na empatia quando uma gestora mais experiente explica algum procedimento burocrático não entendido no repasse em uma reunião da secretaria de educação. O fato, porém, é que encontramos nestas redes educativas, situações como aquela em que durante em um feriado prolongando, a gestora recebeu uma ligação onde é informada que a caixa d’água estava vazando e ela chamou seus familiares para juntos irem até a escola tentar resolver o problema, uma vez que ela já saberia que não teria apoio da Secretaria de educação, por não ser dia útil de trabalho. Situação semelhante, encontramos em outra escola, quando em uma segunda-feira, faltaram quatro professoras por diversas questões e um acordo interno de manter o dia letivo, com a “distribuição” de estudantes nas salas onde está havendo aulas. Nesse caminho, as gestoras organizam suas próprias redes educativas, com uma capacidade ágil na resolução de problemas. Porém, é necessário realizar um contraponto nessas questões, as “soluções” que ocorrem de maneira perspicaz também precisam ser problematizadas a partir de uma dimensão política. Importa não considerar normal a exploração do trabalho na gestão escolar. A perspectiva que valoriza uma postura pró-ativa, romântica e salvacionista no trabalho, coloca em cheque, a todo momento, a saúde dessas profissionais e contribui para o sucateamento das escolas. Buscando romper com este olhar, ao mesmo tempo que anunciamos as táticas das docentes, reconhecemos nas redes educativas a complexidade que se dá nas relações, sempre sociais, nas significações e aprendizagens na observação e nos cuidados e potencialmente de maneira coletiva entre os pares. Considerando a proposta de Alves (2019) que as redes educativas “se articulam, dependendo da ocasião” (p. 115) as gestoras, em alguns momentos, se colocam em posição tática, muitas vezes à espreita, com movimentos cambiantes, complexos, vitais e imprevisíveis. E, ao mesmo tempo, são estratégicas, elaboram e esquematizam caminhos para resolver, propor ou se esquivar de algo. São movimentos que se constituem em várias redes, em diferentes ‘*espaçostempos*’ em uma abordagem para que “tenhamos ideias que permitam analisar e compreender os processos de uso e de criação de conhecimentos e significações” (Alves, 2014, p. 164).

Referências

ALVES, N. **Cultura e cotidiano escolar.** Revista brasileira de educação. 2003, n.23, pp.62-74. ISSN 1413-2478. Disponível em: [scielo.br/j/rbedu/a/drzj7WstvQxKy7t5GssT4mk/?format=pdf&lang=pt](https://www.scielo.br/j/rbedu/a/drzj7WstvQxKy7t5GssT4mk/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 21 maio. 2024

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Possibilidades de ‘uso” de fotografias nas pesquisas de ‘espaçostempos’ de escolas. **Revista brasileira de educação em geografia**, 3(6), 158–176, 2014. Recuperado de <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/164>. Acesso em: 21 maio. 2024.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas**. Memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019.

ANDRADE, N. M. da S. Práticas escolares como táticas criadoras: **Os praticantes nas tessituras de currículos**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ANDRADE, N. M. da S; CALDAS, A. N.; ALVES, N. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - após muitas 'conversas' acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza. (org.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente:** questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CERTEAU, M. de. **Invenção do cotidiano** – artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

FERRAÇO, C. E.; ALVES, N. Conversas: possibilidades de pesquisa com o cotidiano. In: RIBEIRO, Tiago; SAMPAIO, Carmen Sanches; SOUZA, Rafael de. (org.). **Conversa como metodologia de pesquisa:** por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

GARCIA, R. L. Para quem pesquisamos, para quem escrevemos. São Paulo: Editora Cortez, 2011.